

A construção de uma geografia histórica brasileira

Base teórica e estudos de caso

The construction of a Brazilian historical geography: Theoretical basis and case studies

La construcción de una geografía histórica brasileña: Bases teóricas y estudios de caso

La construction d'une géographie historique brésilienne : Bases théoriques et études de cas

Marcelo Werner da Silva



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabilis/4598>

DOI: 10.4000/terrabilis.4598

ISSN: 2316-7793

Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Referência eletrónica

Marcelo Werner da Silva, « A construção de uma geografia histórica brasileira », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 12 | 2019, posto online no dia 29 dezembro 2019, consultado o 06 janeiro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/terrabilis/4598> ; DOI : 10.4000/terrabilis.4598

Este documento foi criado de forma automática no dia 6 janeiro 2020.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

A construção de uma geografia histórica brasileira

Base teórica e estudos de caso

The construction of a Brazilian historical geography: Theoretical basis and case studies

La construcción de una geografía histórica brasileña: Bases teóricas y estudios de caso

La construction d'une géographie historique brésilienne : Bases théoriques et études de cas

Marcelo Werner da Silva

Introdução

- 1 O que é geografia histórica? Esta tem sido uma questão em constante discussão dentro da geografia. Já que para muitos a geografia trata do presente (como o próprio Milton Santos), como entender uma geografia histórica?
- 2 Partimos de Maurício de Almeida Abreu (1996: 15), que defende que “(...) as análises complexas e abrangentes que a disciplina vem fazendo para compreender o momento atual de globalização podem também ser feitas para os tempos passados, bastando para isso que façamos as necessárias correções metodológicas”.
- 3 Segundo este mesmo autor (Abreu, 2000: 18), “(...) podemos e devemos utilizar a categoria presente para orientar nosso método, mesmo porque (...) são as ações que transcorrem no presente que redefinem as heranças do passado e preparam o futuro. Só que este presente não tem necessariamente que ser o presente atual. Podemos vê-lo também como um ‘presente de então’ (...)”. Portanto, o que se faz é geografia, mas de tempos pretéritos.
- 4 Neste texto apresentaremos uma leitura da geografia histórica utilizando a concepção de geografia, sobretudo de Milton Santos e suas colocações sobre a relação entre espaço

e tempo. Em um segundo momento apresentaremos algumas aplicações desta concepção de geografia histórica.

A questão do tempo nos estudos geográficos

- 5 A incorporação do tempo na geografia se intensificou com a introdução da chamada geografia crítica, e a adoção do materialismo histórico e dialético à explicação geográfica, incluindo ao estudo das formas espaciais, também sua processualidade, sua transformação através do tempo. Moraes (2002: 26) reafirma “(...) a historicidade como caminho de entendimento dos objetos e processos sociais, entre eles os referentes à geografia”. Roberto Lobato Corrêa (2001: 121-122) explica que, mediando os processos sociais, postos em ação por diferentes agentes sociais e a materialidade da organização espacial, existem os processos espaciais. Como exemplo citamos a favelização de nossas cidades, que ocorre processualmente, através do tempo, sendo decorrente da precária distribuição de renda que gera a segregação espacial cujas origens remontam a outro processo, o de modernização do campo, responsável pelo êxodo rural que inchou as metrópoles brasileiras.
- 6 Milton Santos, em seu importante trabalho “Sociedade e Espaço: Formação Social como Teoria e como Método” (1977), discute a importância do conceito de formação social, base da explicação do materialismo histórico e dialético, e termina seu texto com a seguinte colocação, que reafirma a importância do espaço:

Como podemos esquecer por tanto tempo esta inseparabilidade das realidades e das noções de sociedade e de espaço inerentes à categoria da formação social? Só o atraso teórico conhecido por essas duas noções pode explicar que não se tenha procurado reuni-las num conceito único. Não se pode falar de uma lei separada da evolução das formações espaciais. *De fato, é de formações sócio-espaciais que se trata.* (Santos, 1977: 93, grifo nosso)
- 7 Aqui ele afirma que o conceito de formação social, tal qual utilizado pelo materialismo histórico e dialético, como um detalhamento do conceito de modo de produção, incorpora, além do tempo histórico, a questão espacial, a ponto de ele propor o termo “formações sócio-espaciais”.
- 8 Milton Santos aprofunda essa concepção em outras obras, como no livro “Por Uma Geografia Nova”, em que desenvolve um capítulo denominado “A Noção de Tempo nos Estudos Geográficos” (Santos, 2004a: 249-260). Nele discorre sobre a difusão das inovações, base para estudos clássicos utilizando as relações entre tempo e espaço. Destaca também as premissas essenciais na relação entre tempo e espaço:
 - a) O tempo não é um conceito absoluto, mas relativo, ele não é o resultado da percepção individual, trata-se de um tempo concreto; ele não é indiferenciado, mas dividido em seções, dotada de características particulares. Somos, desse modo, levados a encontrar uma periodização, baseada em parâmetros capazes de ser empirizados e a considerar esses parâmetros não como dados individuais mas em suas inter-relações. Seguindo essa linha, chegaremos à identificação de sistemas temporais.
 - b) As relações entre os períodos históricos e a organização espacial também devem ser analisadas; elas nos revelarão uma sucessão de sistemas espaciais na qual o valor relativo de cada lugar está sempre mudando no correr da história. (Santos, 2004a: 253-254)
- 9 Ressalta-se a questão das periodizações, importantíssima para a geografia histórica:

A reconstrução dos sucessivos sistemas temporais e dos sistemas espaciais sucessivos é um dado fundamental quando se busca uma explicação para as situações atuais. E isso implica uma identificação exata das periodizações em diferentes níveis ou escalas assim como o isolamento (com fins metodológicos) dos fatores dinâmicos próprios a cada período e a cada nível ou escala. (Santos, 2004a: 255-256)

- 10 Sobre isso Milton Santos destaca que, a cada sistema temporal, o espaço muda, reafirmando a ligação entre tempo e espaço. Mas como ir além desta simples constatação? “Uma primeira resposta é obtida com a construção não apenas de uma periodização à escala do mundo, mas com a elaboração de outras periodizações a escalas menores, agindo, por sua vez, sobre escalas espaciais mais inferiores” (Santos, 2004b: 51).
- 11 Cita então sua proposta de um “tempo espacial”, afirmando que as periodizações dão um tempo “externo a cada subespaço, faltando resolver a questão do seu tempo interno” (Santos, 2004b: 52). “A cada lugar geográfico concreto corresponde, em cada momento, um conjunto de técnicas e de instrumentos de trabalho, resultado de uma combinação específica que também é historicamente determinada” (Santos, 2004b: 56).
- 12 Para encontrar o tempo interno destaca que essa combinação específica é dada através das técnicas: se o espaço é concreto, o tempo também deverá ser considerado dessa maneira. É a sua proposta de “empiricização do tempo”,¹ realizado através das técnicas implantadas no espaço. Tem-se assim, gostaríamos de destacar, a possibilidade de determinação da “idade do lugar” por intermédio da idade das variáveis (técnicas) presentes em cada lugar:

A materialidade artificial pode ser datada, exatamente, por intermédio das técnicas: técnicas da produção, do transporte, da comunicação, do dinheiro, do controle, da política e, também, técnicas da sociabilidade e da subjetividade. As técnicas são um fenômeno histórico. Por isso, é possível identificar o momento de sua origem. Essa datação é tanto possível à escala de um lugar, quanto à escala do mundo. (Santos, 2004b: 57)
- 13 Aqui se encontra então a ligação entre o tempo externo, do mundo, e o tempo interno, próprio de cada lugar. Tem-se assim a sincronização, pois ele afirma que a técnica tende a ser universal como tendência:

A tendência universalizante dos primórdios da história humana permitia criar, em diversos lugares, soluções técnicas próprias mas convergentes, mas não havia simultaneidade em sua aparição, nem o seu surgimento em um dado ponto da superfície da terra acarretava obrigatoriamente repercussões em outros lugares. Já o processo iniciado com o capitalismo e hoje plenamente afirmado com a globalização, permite falar em uma idade universal das técnicas, idade que pode ser contada a partir do momento em que surgem (cada uma dessas técnicas). (Santos, 2004b: 57)
- 14 Essa tendência, esta conjunção de fatores externos e internos, com predomínio dos fatores externos, pode ser exemplificada da seguinte maneira:

Tomemos como exemplo um instrumento de trabalho, uma fábrica: suas características técnicas induzem certo desempenho em função da utilização de um certo capital de giro, uma certa quantidade e qualidade de mão-de-obra, uma certa quantidade de energia. Assim, a idade dos instrumentos de trabalho tem implicações com o resto da economia (em virtude das possibilidades concretas de relações) e com o emprego (em virtude da possibilidade concreta de postos de trabalho). Como essas relações presidem à hierarquia entre lugares produtivos, as possibilidades de expansão ou de estancamento diferem para cada lugar. Essa

situação relativa é resultado não apenas da produção local, mas do que é produzido no conjunto de lugares de um espaço dado, e envolve lugares próximos, e também longínquos, graças ao alargamento dos contextos tornado possível com os progressos nos transportes e nas comunicações e com a estandardização da produção. A idade das variáveis presentes em cada lugar acaba sendo medida com referência a fatores internos e externos, sobretudo nos países subdesenvolvidos, onde a história da produção é intimamente ligada à criação, nos países do centro, de novas formas de produzir. (Santos, 2004b: 59)

- 15 Esse exemplo ilustra o fenômeno, sobretudo nos chamados países da periferia do capitalismo, que se subordinam ao sistema técnico proveniente do centro do capitalismo.

As periodizações

- 16 Todo esse tratamento em relação ao tempo, à determinação de escalas espaço-temporais (Haesbaert, 2002) conduz à questão das periodizações, importante ferramenta para a geografia e para a geografia histórica.
- 17 O que é um período? Jacques Le Goff (2015: 11-12) ressalta que um dos grandes problemas da humanidade foi dominar o tempo terrestre. Para organizá-lo, a humanidade recorreu a vários termos: idades, épocas, ciclos, porém o que parece que se firmou foi “período”, tomando, a partir do século XVIII o sentido de “intervalo de tempo” ou “idade” e produzindo, no século XX, a forma derivada de “periodização”, que “indica uma ação humana sobre o tempo e sublinha que seu recorte não é neutro” (Le Goff, 2015: 12).
- 18 Dito isso, que é importantíssimo, destaca-se que a periodização incorpora as noções de diacronia e de sincronia, ou, no dizer de Milton Santos, o eixo das sucessões (diacronia) e o eixo das coexistências (sincronia). A diacronia dá conta do tempo como sucessão, do chamado tempo histórico, de que nos damos conta pela sua passagem (do tempo). Já a sincronia diz respeito, em cada lugar, do “tempo das diversas ações e dos diversos atores e a maneira como utilizam o tempo social (...) Trata-se então do eixo das coexistências” (Santos, 2004b: 159). Se o tempo como sucessão, o tempo histórico, foi durante muito tempo a base do estudo geográfico, Santos (2004b) se pergunta se na verdade a base do conhecimento geográfico não estaria mais nessa forma de ver o tempo como simultaneidade,
- (...) pois não há nenhum espaço em que o uso do tempo seja idêntico para todos os homens, empresas e instituições. Pensamos que a simultaneidade das diversas temporalidades sobre um pedaço da crosta da Terra é que constitui o domínio propriamente dito da Geografia. Poderíamos mesmo dizer, com certa ênfase, que o tempo como sucessão é abstrato e o tempo como simultaneidade é o tempo concreto já que é o tempo da vida de todos. O espaço é que reúne a todos, com suas múltiplas possibilidades, que são possibilidades diferentes de uso do espaço (do território) relacionadas com possibilidades diferentes de uso do tempo. (Santos, 2004b: 159-160)
- 19 Baseado nessas premissas, Milton Santos apresenta uma série de periodizações, de diversos autores, algumas bastante detalhadas,² e apresenta aquela pela qual foi conhecido: 1) meio natural, em que as sociedades humanas apenas reagem ao império na natureza; 2) o meio técnico, período da emergência do espaço mecanizado, em que os objetos que formam o meio não são mais apenas objetos culturais, mas culturais e técnicos; 3) e, finalmente, o meio técnico-científico-informacional, em que a principal

característica é o grande componente de ciência e técnica, característico nos países centrais após a Segunda Guerra Mundial e a partir dos anos 1970 nos países mais pobres. “O meio técnico-científico-informacional é a cara geográfica da globalização” (Santos, 2004b: 239).

20 É importante também salientar a importância da noção de evento para as periodizações. Certos eventos têm conseqüências duradouras e definitivas para certos locais e, às vezes, para todo o mundo. Podemos citar o exemplo da chamada “queda do muro de Berlim” como um evento transformador da ordem política e econômica mundial.

21 Esse seria um evento de ruptura, que se soma a períodos densos, em que as transformações são mais evidentes, assim como há períodos de estabilização, nos quais predominam as questões do cotidiano:

Uma das maiores dificuldades no exame das transformações espaciais das cidades, numa opção pela longa duração, é a relação entre os longos períodos onde predominam as questões do cotidiano, e os momentos ou períodos que saem da rotina, e nos quais ocorrem eventos mais significativos, que ocasionam modificações na sociedade urbana, assim como nas funções, nas estruturas e nas formas espaciais.

Esses períodos, embora possam ser de curta duração, eu proponho que sejam chamados de "períodos densos", porque representam momentos de grande intensidade, de importantes transformações que extrapolam o cotidiano, mas que não seriam ainda momentos de ruptura, que colocam a sociedade urbana (ou a mais ampla) diante de uma nova realidade ou de uma nova ordem. (Vasconcelos, 2009: 191)

22 Milton Santos em relação aos eventos levanta um dado fundamental: que o tempo pode ser visto “não apenas como transcurso ou intensidade, mas, igualmente, como extensão - ou espacialidade” (Santos, 2004b: 150), ou seja, que o evento tem uma extensão espacial, às vezes influenciando todo o mundo, como no caso citado da queda do muro de Berlim.

23 Porém, os eventos não se dão isoladamente, mas em conjuntos sistêmicos, em “situações” (Santos, 2004b: 149). Silveira (1999: 22) esclarece que “uma situação geográfica supõe uma localização material e relacional (sítio e situação), mas vai além porque nos conduz à pergunta pela coisa que inclui o momento da sua construção e seu movimento histórico”. Portanto, “(...) o evento é um veículo de uma ou algumas das possibilidades existentes no mundo, na formação socioespacial, na região, que se depositam, isto é, *se geografizam no lugar*” (Silveira, 1999: 22, grifo nosso).

Os eventos criam, de um lado, uma continuidade temporal, susceptível de ser cindida em períodos significativos e, de outro, uma coerência espacial que é dada pelos sistemas de eventos nos lugares. Constrói-se, a cada momento histórico, uma extensão dos fenômenos no lugar, que é uma manifestação da coerência do real.

A situação decorreria de um conjunto de forças, isto é, de um conjunto de eventos geografizados, porque tornados materialidade e norma. Muda, paralelamente, o valor dos lugares porque muda a situação, criando uma nova geografia. (Silveira, 1999: 22)

24 Portanto, “(...) ao longo do tempo, os eventos constroem situações geográficas que podem ser demarcadas em períodos e analisadas na sua coerência” (Silveira, 1999: 22).

25 Vasconcelos (2009: 54) coloca que, metodologicamente, o primeiro passo em uma pesquisa de Geografia Histórica seria “(...) estabelecer uma periodização das longas durações, examinando as continuidades e as grandes rupturas, de acordo com os

eventos históricos de maior importância para a cidade em exame (...)”, ressaltando que esse autor enfatiza sua teorização nos estudos de geografia urbana histórica.

- 26 Do modo como entendemos a periodização é importante citar Estaville Jr. (1991),³ que parte da seguinte questão: como podemos organizar o tempo para analisar relações espaciais? Podemos escolher um período no passado para nossa análise, ou seja, um recorte temporal simples (*cross section-past*), que podemos relacionar ao recorte sincrônico trabalhado por Milton Santos, e que busca identificar segmentos homogêneos do tempo histórico nos quais as variáveis se mantêm em relativo equilíbrio no interior de uma mesma combinação de elementos de ordem econômica, social, política e moral, constituindo um sistema (Santos, 2004c: 31-33).
- 27 Também podemos realizar uma abordagem comparativa entre diversos recortes sincrônicos, em que podemos demonstrar mudanças de um tempo a outro. Também há a possibilidade de incorporar variáveis ligando, diacronicamente, recortes sincrônicos e podemos estudar o passado através das relíquias existentes no presente, também chamado de método retrospectivo ou refletivo (*cross section-relic*) (Silva, 2012).
- 28 Para Estaville Jr. “...a discussão entre sincronia e diacronia pode ser associada àquela que analisa padrões (espaciais) e processos (temporais). Padrões são quadros congelados de processos, assim como processos são padrões através do tempo” (Silva, 2012: 10 *apud* Estaville Jr., 1991: 317-319).
- 29 Alguns dessas possibilidades apontadas por Estaville Jr. serão explanadas quando apresentarmos os estudos de casos no tópico seguinte. Com isso esperamos ter deixado clara a associação teórica da geografia e da geografia histórica para a construção de uma metodologia de aplicação para estudos geohistóricos.

Estudos de caso

- 30 Essa forma teórica será ilustrada por dois trabalhos. Um já desenvolvido, mas que projeta novas possibilidades de pesquisa, a implantação ferroviária na Província de São Paulo e outro em execução, o projeto “Ruínas do Açúcar”.
- 31 Não é possível, pela dimensão deste texto, explicar com detalhes a abordagem adotada. Cumpre dizer que um trabalho de geografia histórica é, antes de tudo, um trabalho de geografia, suas ferramentas teóricas devem ser utilizadas, com as devidas adaptações necessárias ao estudo do passado.

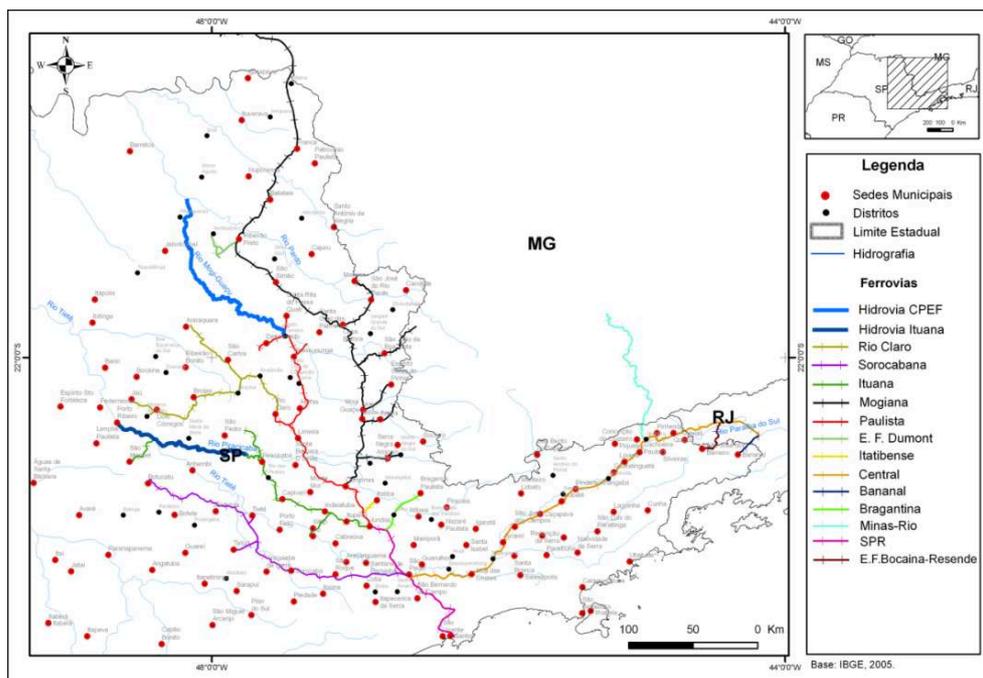
A Formação de Territórios Ferroviários no Oeste Paulista, 1868-1892

- 32 Neste trabalho, que tratou da implantação ferroviária na província de São Paulo na segunda metade do século XIX, a periodização foi determinada de modo preciso. A data de 1868 é a data da fundação da chamada Cia. Paulista, que inicia a expansão para o chamado (na época) Oeste Paulista, a partir de Jundiáí rumo à Campinas. Já em 1892 a implantação inicial está concluída e as ferrovias paulistas se vêem arroladas na crise do Encilhamento, em que os custos aumentam sobremaneira para as ferrovias, por serem seus insumos todos importados, ao mesmo tempo em que a desvalorização cambial favorece os plantadores de café da província. A reação à crise dá origem a fusões (caso da Ituana e da Sorocabana) e no caso da Cia. Paulista a uma política agressiva de

compras e expansão da rede inicial (compra da Cia. Rio Claro). Tanto a fusão das ferrovias Ituana e Sorocabana, que deu origem à Companhia União Sorocabana e Ytuana (CUSY), bem como da compra da Cia. Rio Claro pela Cia. Paulista podem ser visualizadas na comparação entre as figuras 1 e 2.

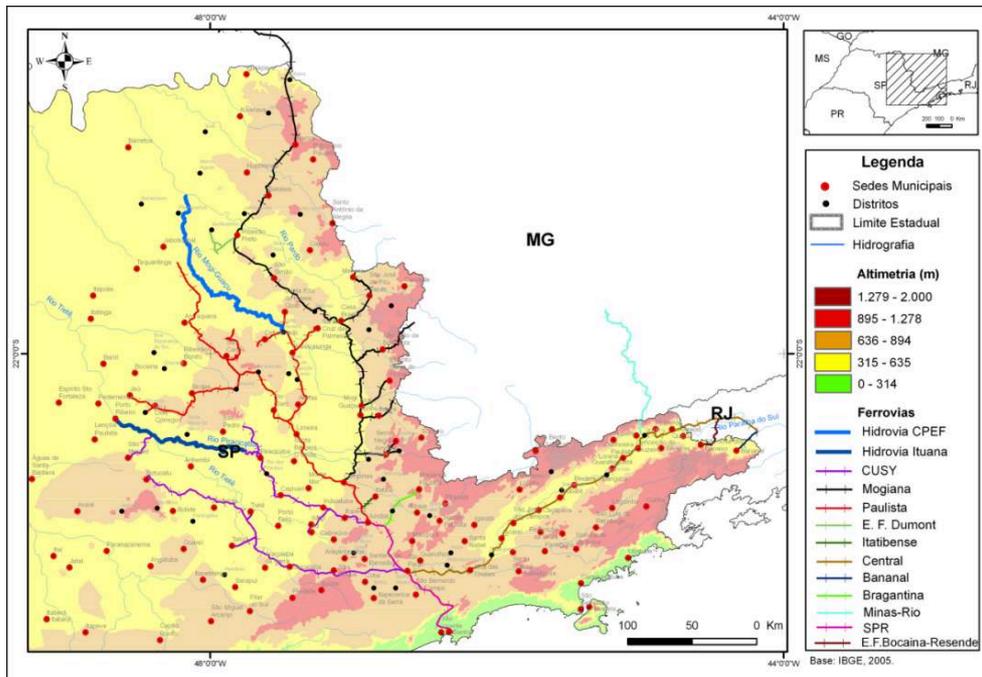
- 33 A análise nesse trabalho se dá em duas escalas espaciais. De um lado, a escala regional do então chamado Oeste Paulista, em que há um conflito entre as ferrovias para a primazia da expansão territorial. Assim, há conflitos sobretudo entre as companhias Paulista e Mogiana, por um lado, e da Ituana e Sorocabana, por outro. Tais disputas podem ser visualizadas nas figuras 1 e 2, referentes à situação das ferrovias na região nos anos de 1891 e 1892, respectivamente. Comparando as figuras percebe-se nitidamente: as duas hidrovias construídas, respectivamente, pela Cia. Paulista, para não deixar o vale do Rio Mogi-Guaçu unicamente com a Companhia Mogiana, e a hidrovia construída pela Companhia Ituana, juntamente com o ramal de São Manoel voltado diretamente para a Companhia Sorocabana, em uma tentativa de não ter cortado seu desenvolvimento futuro pela companhia concorrente.
- 34 Já a segunda escala é a da formação do denominado “território ferroviário” pela Cia. Paulista, cuja análise de sua dinâmica espacial foi detalhada no estudo, seus resultados econômicas, mercadorias e passageiros transportados e suas relações com as demais ferrovias (estações de outras linhas em que suas cargas e passageiros eram transferidos e em quais quantidades, bem como os quantitativos que recebiam destas outras companhias ferroviárias).

Figura 1. Rede Ferroviária Paulista em 1891 com a indicação dos municípios e distritos existentes



FONTE: Silva (2008: 182)

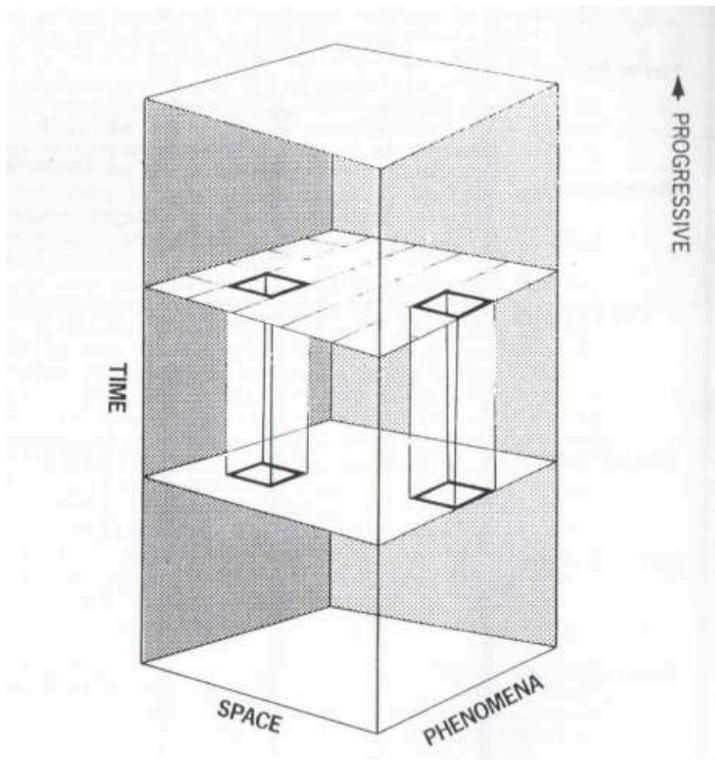
Figura 2. Rede Ferroviária Paulista em 1892 com a indicação dos municípios e distritos existentes e a altimetria da região



FONTE: Silva (2008: 183)

- 35 Já em relação ao tipo de estudo desenvolvido, trata-se de uma abordagem sincrônica-diacrônica, pois foi realizado um recorte sincrônico (seção cruzada) de um período no passado, no caso analisado, de 1868 a 1892. Porém, é analisada também a ligação “diacrônica” de certos aspectos. No caso analisado, como tratávamos de ferrovia, foram analisados períodos anteriores ao período da implantação ferroviária, no que concerne a dois parâmetros absolutamente fundamentais para o estabelecimento das ferrovias: a ocupação populacional de colonos brancos e a chamada “marcha” do café.
- 36 Esse tipo de representação aparece na figura 3, representação em que o recorte sincrônico no passado é ligado aos períodos anteriores por subseções diacrônicas, no caso a população e a expansão cafeeira.

Figura 3. Integração de um recorte sincrônico com subseções diacrônicas



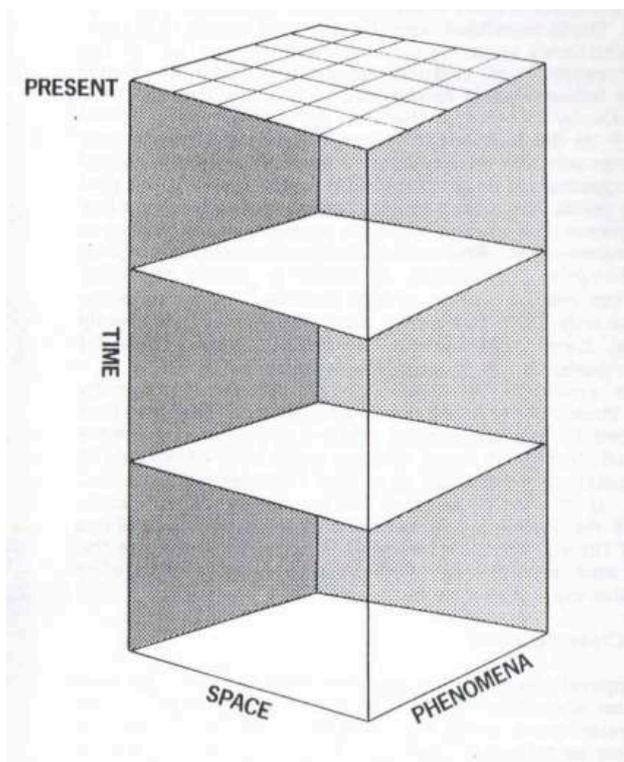
FONTE: Estaville Jr. (1991: 321)

Ruínas do Açúcar: Transformações e permanências na paisagem de Campos dos Goytacazes

- 37 A pesquisa “Ruínas do Açúcar: Transformações e permanências na paisagem de Campos dos Goytacazes”⁴ segue em desenvolvimento e tem dado origem a uma série de trabalhos,⁵ bem como a uma parceria com o Arquivo Público Municipal de Campos dos Goytacazes.⁶
- 38 Trata-se de examinar a paisagem atual da cidade de Campos dos Goytacazes e região, cuja história foi marcada pela economia sucroalcooleira, que teve seu auge entre o final do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX. Neste período chegou a contar com cerca de vinte e quatro usinas de açúcar e álcool, que após um longo período de decadência, fez com apenas duas usinas estejam em funcionamento atualmente. Porém, as ruínas destas usinas ainda estão presentes na paisagem urbana da região. Partindo das ruínas atualmente existentes procura-se mensurar seu papel na urbanização da cidade, buscando recuperar a situação pretérita do período de auge da produção açucareira. Ainda existem instalações das usinas, vilas operárias, infraestrutura de transportes ferroviário etc.
- 39 Portanto, parte-se da paisagem atual na busca pela indícios e elementos do período áureo da produção sucroalcooleira. Trata-se, no entendimento de Estaville Jr. (1991: 312-313), cuja representação aparece na figura 4, do método retrospectivo ou refletivo (*cross section-relic*): “utiliza-se as relíquias do passado que permaneceram no presente, sendo a obsolescência funcional o critério mais importante para determinar a característica de relíquia” (Silva, 2008 *apud* Estaville Jr., 1991: 312-313).

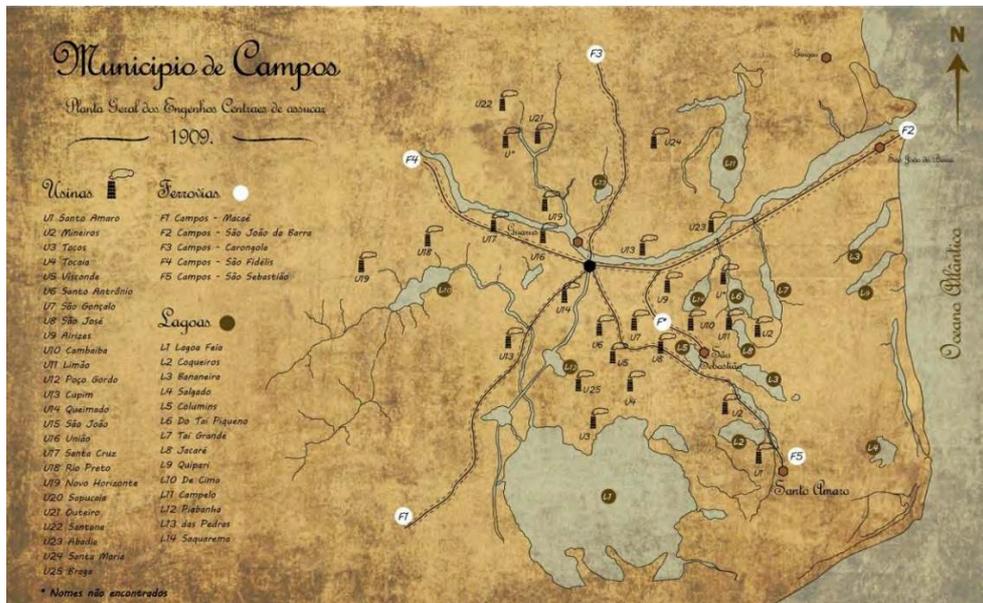
- 40 Quanto à periodização, parte-se, como dito das relíquias ou ruínas atualmente existentes e determinou-se 1909 como o período do auge da produção sucroalcooleira, a partir de um mapa com as usinas e estruturas ferroviárias existentes naquele ano (ver figura 5). Busca-se então, a partir da comparação entre o existente atualmente, a maioria em ruínas, com a recuperação do período auge em que todas as usinas e linhas ferroviárias (também em completo abandono) estavam em funcionamento.

Figura 4. Método retrospectivo (*cross-section relic*)



FONTE: Estaville Jr. (1991: 321)

Figura 5. Município de Campos. Planta dos Engenhos Centraes de Assucar, 1909



FONTE: Adaptado de autor desconhecido (Conceição, 2016: 107)

Considerações Finais

- 41 Procuramos neste texto realizar apontamentos e contribuições em direção à construção de uma metodologia em geografia histórica. Através de uma nova leitura de aspectos da relação espaço-tempo na geografia, também acrescentamos alguns elementos de como desenvolvemos e estamos desenvolvendo alguns trabalhos na perspectiva teórica apresentada. Vemos que sempre é possível acrescentar novas questões e métodos para a geografia histórica, o que nos aponta para o grande caminho a percorrer seguindo os passos dos precursores de uma Geografia Histórica brasileira, os professores Maurício de Almeida Abreu, Antonio Carlos Robert Moraes e Pedro de Almeida Vasconcelos. Este também foi o objetivo do evento para o qual este artigo foi redigido,⁷ contribuir para a construção de uma geografia histórica que mostra, cada vez mais, a indissociabilidade entre espaço e tempo e entre passado, presente e futuro, contribuindo, em última análise, para o fortalecimento da própria geografia e de suas formas de análise da sociedade.

BIBLIOGRAFIA

Abreu, Mauricio de Almeida (1996). "Sobre a memória das cidades". *Colóquio "O discurso geográfico na Aurora do século XXI"*. Florianópolis: Programa de pós-graduação em Geografia/UFSC, 27-29 nov.

- Abreu, Mauricio de Almeida (2000). “Construindo uma geografia do passado: Rio de Janeiro, cidade portuária, século XVII”. *GEOSP Espaço e Tempo (Online)*, n. 7, pp. 13-25.
- Conceição, Raphael Neves da (2016). *Leituras Geohistóricas da Paisagem da Baixada Campista*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes/RJ.
- Corrêa, Roberto Lobato (2001). “Processos Espaciais e a Cidade”. In: Corrêa, Roberto Lobato. *Trajelórias Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, pp. 121-143.
- Estaville, Jr., Lawrence E. (1991) “Organizing Time in Historical Geography”. In: Green, D. Brooks (Ed.). *Historical Geography: a methodological portrayal*. Savage, Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, pp. 310-324.
- Haesbaert, Rogério (2002). “Escala espaço-temporal”. In: Haesbaert, Rogério. *Territórios Alternativos*. Niterói: EdUFF; São Paulo: Contexto, pp. 101-115.
- Le Goff, Jacques (2015). *A história deve ser dividida em pedaços?* São Paulo: Editora Unesp.
- Moraes, Antônio Carlos Robert (2002). *Território e História no Brasil*. São Paulo: Hucitec.
- Moreira, Daiana Junqueira; Souza, Maria Carolina Albino de; Santos, Patrícia Fernandes; Silva, Marcelo Werner da (2018). “O acervo do Sindicato da Indústria e da refinação do açúcar nos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo como subsídio para a compreensão da atividade açucareira na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ”. *Anais eletrônicos do XIX Encontro Nacional de Geógrafos*. Disponível em: <<http://www.eng2018.agb.org.br/site/anaiscomplementares2?AREA=18#M>>. Acesso em: 03 mar. 2019.
- Passos, Hélio dos Santos (2018). *Da Usina do Queimado aos Bairros Residenciais: mudanças e permanências na paisagem urbana de Campos dos Goytacazes*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas) – Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes/RJ.
- Santos, Milton (1977). “Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método”. *Revista Paulista de Geografia*, n. 54, pp. 81-99. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/1092>>. Acesso em: 17 fev. 2019.
- Santos, Milton (2004a [1978]). *Por uma Geografia Nova: da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. São Paulo: Edusp.
- Santos, Milton (2004b [2002]). *A Natureza do Espaço: Técnica e tempo. Razão e Emoção*. 4. ed, 1. reimp. São Paulo: Edusp.
- Santos, Milton (2004c). *O Espaço Divido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. 2. ed. São Paulo: Edusp.
- Silva, Marcelo Werner da (2008). *A formação de territórios ferroviários no Oeste Paulista, 1868-1892*. 311f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Rio de Janeiro.
- Silva, Marcelo Werner da (2012). “A Geografia e o estudo do passado”. *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], n. 1. Disponível em: <<http://terra-brasilis.revues.org/246>>. Acesso em: 01 dez. 2016.
- Silva, Marcelo Werner da; Miranda, Elis de Araújo (2016). “As Paisagens do Açúcar na Região Norte Fluminense: Presente e Passado”. *Anais do Colóquio Ibérico de Geografia*, 15, 2016, Asociación de Geógrafos Españoles.
- Silva, Rodrigo Pereira Pinheiro da (2019). *A Usina Pureza de Açúcar e Álcool de São Fidélis-RJ: A Resistência do Passado na Era do Petróleo*. Monografia (Graduação em Geografia) – Instituto de

Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes/RJ.

Silveira, Maria Laura (1999). “Uma Situação Geográfica: do método à metodologia”. *Território*, ano IV, n. 6, jan./jun, pp. 21-28. Disponível em: <http://www.laget.eco.br/territorio/sumario_06.htm>. Acesso em: 21 fev. 2016.

Vasconcelos, Pedro de Almeida (2009). “Questões metodológicas na geografia urbana histórica”. *Geotextos*, v. 5, n. 2, pp. 147-157. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/3791>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

NOTAS

1. Analisado em detalhes em obra anterior (Silva, 2012).
2. Ver as periodizações de Fu-Chen Lo e B. M. Gros (Santos, 2004b: 174-175).
3. Para maiores detalhes sobre sua metodologia ver Silva (2008, 2012).
4. Projeto desenvolvido no âmbito do Departamento de Geografia de Campos da Universidade Federal Fluminense e coordenado pelos professores Marcelo Werner da Silva e Elis de Araújo Miranda.
5. Ver Conceição (2016), Passos (2018) e Silva (2019).
6. Ver o trabalho de Moreira *et al.* (2018).
7. Colóquio Brasileiro de Geografia Histórica, realizado de 25 a 27 de março de 2019 na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ e promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense de Campos dos Goytacazes/RJ.

RESUMOS

Busca-se refletir sobre os caminhos de construção de uma geografia histórica brasileira. A partir da relação espaço-tempo e, principalmente, da teorização de Milton Santos, busca-se aportar elementos para a discussão do significado e das maneiras de construir trabalhos de geografia histórica. Nesse sentido são mobilizados estudos de caso de pesquisas já realizadas e em realização a partir desta perspectiva teórico-metodológica.

It seeks to reflect on the paths of construction of a Brazilian historical geography. From the space-time relationship and, especially, on Milton Santos' theorization, elements are sought to contribute to the discussion of the meaning and ways of building works of historical geography. In this sense case studies are mobilized from researches already carried out and underway from this theoretical-methodological perspective.

Buscamos reflexionar sobre los caminos de construcción de una geografía histórica brasileña. Desde la relación espacio-tiempo y, principalmente, desde la teorización de Milton Santos, buscamos proporcionar elementos para la discusión del significado y las formas de construir obras de geografía histórica. En este sentido, estudios de caso se movilizan a partir de investigaciones ya realizadas y en curso desde esta perspectiva teórico-metodológica.

Il cherche à réfléchir sur les voies de construction d'une géographie historique brésilienne. En se basant sur la relation espace-temps et, surtout, sur la théorisation de Milton Santos, on cherche des éléments pour contribuer à la discussion sur la signification et les façons de construire des œuvres de géographie historique. En ce sens, des études de cas de recherches déjà réalisées et en cours sont mobilisées dans cette perspective théorique-méthodologique.

ÍNDICE

Índice cronológico: 1808-2019

Mots-clés: géographie historique, méthodologie, études de cas

Palabras claves: geografia histórica, metodología, estudios de caso

Palavras-chave: geografia histórica, metodologia, estudos de caso

Índice geográfico: Brasil, São Paulo, Rio de Janeiro

Keywords: historical geography, methodology, case studies

AUTOR

MARCELO WERNER DA SILVA

Professor do Departamento de Geografia de Campos e do Programa de Pós-Graduação em Geografia, ambos da Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes/RJ.

Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas de Geografia Histórica (GEOHISTÓRICA).

E-mail: marcelows@id.uff.br